

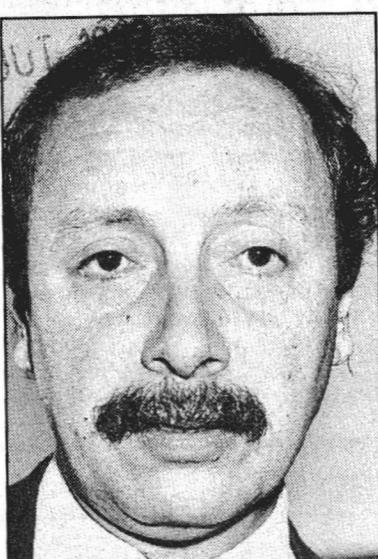
Começa troca de lideranças no Congresso

Cláudia Moema

As acomodações ministeriais darão vez às acomodações de líderes de partidos políticos a partir de hoje no Congresso Nacional. As principais alterações virão do Senado de onde saíram duas lideranças para serem ministros, uma outra está na disputa por uma prefeitura e o lugar de líder do Governo, até então ocupado por Odacir Soares, passará, presumivelmente, para o senador Pedro Simon. Na Câmara, a liderança do Governo ainda está vaga e a grande modificação ficará nas hostes pefelistas cujo titular, Luís Eduardo Magalhães, não pretende permanecer no cargo.

Maurício Corrêa, ao deixar o Senado para exercer a chefia do Ministério da Justiça, abriu não apenas uma vaga na bancada — a ser preenchida pelo advogado Pedro Teixeira (PDT-DF) — como também o cargo de líder do PDT no Senado. Aqui não haverá nova eleição e já está escolhido o novo líder — é o atual primeiro vice-líder, senador Nelson Wedekin (SC), que passa a desempenhar as funções a partir de hoje. No PSDB, como sempre, a situação não é tão pacífica pelo número de caciques na bancada. A sucessão de Fernando Henrique Cardoso na liderança do partido no Senado — vaga com sua ida para o Itamarati — só será decidida em reunião que estará acontecendo hoje ou amanhã. Chagas Rodrigues (PI) e Jutahy Magalhães (BA) são os primeiros e segundo vice-líderes, respectivamente. Mas há uma forte corrente lembrando, o nome de Mário Covas (SP) contra o qual não haveria contestações. O nome de José Richa (PR) também está sendo lembrado na bancada.

No PDC, a situação é singular. O líder, senador Amazonino Mendes (AM) vai enfrentar em segundo turno o também par-



Wedekin (E) lidera o PDT no Senado; Messias Góes e Roseana Sarney indicam tendências diferentes no PFL

lamentar, deputado José Dutra (PMDB). Amazonino tem chances de ganhar a prefeitura de Manaus deixando em aberto a liderança do seu partido, que até bem pouco tempo contava com quatro senadores — Eptácio Cafeteira (MA) deixou a sigla. Se Amazonino obtiver sucesso nas urnas — seu suplente é do PMDB — o PDC ficará restrito a Moisés Abrão (TO) e Gerson Camata (ES) com fortes chances para este ser guindado a líder. Se permanecer no partido.

Dentre as lideranças vagas, a que mais problemas vem criando é a do Governo no Senado. Informalmente, Pedro Simon a exerce desde a sexta-feira passada, apesar de seu partido, o PMDB, ainda não ter se decidido em ser ou não ser Governo. Mas hoje, Simon será liberado pela própria cúpula peemedebista para continuar desempenhando a função que ele prefere não chamar de liderança do Governo — por não pretender nada forma, até porque já está na disputa pela liderança do partido no próximo ano em sucessão a Humberto Lucena — e menos ainda de coordenação política — para não confundir com o que Jorge Bornhausen promoveu durante o governo Collor. Articulação política é o que Simon pretende realizar.

Na Câmara, esse mesmo cargo ainda é mistério embora o

nome de Roberto Freire (PPS-PE) esteja sendo um dos mais citados. Se confirmado, Freire substituirá Humberto Souto (PFL-MG), o único que conseguiu permanecer como líder de Collor após as passagens confusas de Renan Calheiros (AL) e Arnaldo Faria de Sá (SP).

O PFL reservará a grande surpresa. Luís Eduardo começa a trabalhar pela sua saída da liderança e, se todos os integrantes da bancada conseguirem se liberar de seus compromissos eleitorais em seus estados, uma reunião para esta semana será possível para começar a se discutir a transição na liderança. “Essa reunião será para retirarmos uma posição que poderá ser de consenso ou de divisão da bancada, diz ele, de forma enigmática.

Ele não nega que a bancada pefelista ficou dividida após a votação do impeachment e desmente qualquer versão de que a ala baiana deixará o partido. “Ninguém está falando em sair do partido. Por enquanto, fala-se em posição do partido”. Hoje, a posição é extremamente delicada. De acordo com algumas avaliações, não está descartada alguma composição, idéia com a qual Luís Eduardo Magalhães não compartilha. E Ricardo Fiuza também não. “Estou na oposição”, diz enfático o ex-ministro da Ação Social e coordenador político do governo

Collor.

Havendo uma composição, um dos nomes mais lembrados é o de Messias Góes (SE), presidente da Comissão de Orçamento, e que apesar de ter votado pelo impeachment, manteve-se numa postura absolutamente discreta durante toda a crise política. Outras alternativas, um pouco mais dramáticas para o partido, levariam-no a assumir esta ou aquela posição frente ao Governo. Por exemplo, fazer de Roseana Sarney líder do partido é o mesmo que fortalecer a ala que votou no impeachment. Mais ou menos aí estaria o ex-governador Roberto Magalhães. Do contrário, nomes como o de Fiuza representam a vitória daqueles que foram derrotados semana passada. De qualquer forma, “não vou fazer nada que venha desgastar o partido”, promete Luís Eduardo.

Na dança ministerial, o único lugar que não produzirá modificações será o PTB no Senado. O antigo líder Affonso Camargo reassumiu ontem seu mandato — após sua saída do Ministério dos Transportes e Comunicações, mandando para casa o suplente Enéas Faria. Mas quando foi para o Ministério, o senador José Eduardo (PR) foi eleito o novo líder do partido no Senado e agora garante que não deixará o cargo. “Mudanças só no ano que vem quando houver a renovação das lideranças (em fevereiro)”, garante José Eduardo.